

## REVISTA BIBLIOGRÁFICA

**Flora Iberica: plantas vasculares de la Península Ibérica e Islas Baleares.** Ed. S. CASTROVIEJO (Madrid), M. LAÍNZ (Gijón), C. LÓPEZ GONZÁLEZ (Madrid), P. MONTSERRAT (Jaca), F. MUÑOZ GARMENDIA (Madrid), J. PAIVA (Coimbra) e L. VILLAR (Jaca) — Madrid: Real Jardín Botánico, C. S. I. C. 1986 — v.: il.; 24 cm.

Vol. I. *Lycopodiaceae* — *Papaveraceae*.

Paladinos da ideia da publicação de uma Flora Hispano-Lusitânica surgiram com P. FONT i QUER, R. TELLES PALHINHA e AFONSO LUISIER. Efectivamente, não podemos deixar de recordar que nos primeiros Congressos Luso-Espanhóis para o Progresso das Ciências a que assistimos, as conversas entre aqueles três botânicos conduziam quase sempre ao tema de uma Flora Peninsular. Recordamos ainda que, após a comunicação apresentada por LUISIER em 1944 em Coimbra nas comemorações do II Centenário do nascimento de BROTERO, o problema dessa Flora foi por ele posto e a essa proposta aderiram não só os botânicos portugueses presentes, mas também os espanhóis, Profs. SALVADOR RIVAS GODAY e F. BELLÓT RODRIGUEZ, o primeiro dos quais trazia a representação do Prof. ARTURO CABALLERO. O Dr. P. FONT i QUER não pôde comparecer, tendo, no entanto, enviado uma comunicação.

De 20 a 30 de Maio de 1946, tiveram lugar em Madrid e Valência as festas comemorativas do II Centenário do nascimento do eminente botânico ANTÓNIO JOSÉ CAVANILLES, para as quais tivemos a honra de ser convidado. Infelizmente, não pudemos assistir, tendo pedido ao Dr. J. G. GARCIA o favor de nos representar nessas cerimónias, que, como era de esperar, decorreram com o maior brilhantismo. Segundo relato de GARCIA (In Anu. Soc. Brot. 12: 42, 1946), os participantes seguiram no dia 24 para Valência, tendo-se detido para almoçar no Parador del Sol em Motilla del Palancar (Cuenca). Findo o almoço, foram «apresentadas sugestões no sentido de se estabelecer uma melhor colaboração entre os botânicos dos dois países». Na viagem de regresso a Madrid, os participantes almoçaram no restaurante acima referido e no fim, também segundo relato de GARCIA (op. cit.: 50-51), foi «proposto que continuassem a efectuar-se anualmente reuniões científicas dedicadas a CAVANILLES e BROTERO, alternadamente em Espanha e Portugal,

e alvitando-se que a primeira destas reuniões deveria realizar-se em 1947, na serra do Gerês. Este intercâmbio cultural seria, de facto, da maior vantagem para o progresso da Botânica na Península, e para a realização de uma grande obra de conjunto, que nos parece absolutamente necessária: uma Flora Hispano-Lusitânica».

De harmonia com o alvitre então feito, o Prof. R. TELLES PALHINHA promoveu, em Julho de 1948, a I Reunião de Botânica Peninsular na serra do Gerês, tendo-se, durante ela, discutido o Projecto da Flora Hispano-Lusitânica, ao qual mantiveram a sua adesão os botânicos portugueses R. TELLES PALHINHA, A. PIRES DE LIMA, A. LUISIER, A. FERNANDES, A. R. PINTO DA SILVA, A. ROZEIRA, etc. e os espanhóis SALVADOR RIVAS GODAY e F. BELLÓ RODRÍGUEZ. Outros elementos se juntaram a estes, particularmente BELTRAN BIGORRA, MUÑOZ-MEDINA, GONZÁLEZ GUERRERO, etc.

Por motivo de doença, não nos foi possível participar na II Reunião de Botânica Peninsular, realizada na provincia de Aragão, na qual tomou parte J. BARROS NEVES como nosso representante, tendo-nos este informado que, no decurso desta, pouco ou nada se tinha adiantado no Projecto da Flora Hispano-Lusitânica.

De 17-25 de Abril de 1968, organizamos a III Reunião, particularmente com o objectivo de se procurar um entendimento entre os botânicos portugueses e espanhóis e de se elaborar um plano que nos permitisse começar a trabalhar na Flora, logo que se conseguissem os fundos necessários. Durante o Plenário, que teve lugar no Hotel Júpiter da Praia da Rocha no dia 21 de Abril sob a nossa presidência, discutiu-se acaloradamente durante toda a tarde. Ouvimos os pontos de vista apresentados por portugueses e espanhóis, tirámos a conclusão de que os primeiros estavam dispostos a colaborar, mas o mesmo não acontecia com os segundos, porquanto, constituindo a Espanha um país com floras bastante diversificadas, os seus botânicos se encontravam mais interessados na elaboração de floras regionais — Galiza, Biscaia, Catalunha, Levante, Andaluzia, Estremadura, etc. — e que, no momento, era absolutamente impossível conseguir-se qualquer unificação. Tendo de abandonar a ideia da Flora Hispano-Lusitânica ou Iberica (o título da obra não ficara decidido), pensámos na elaboração pelos botânicos portugueses da *Flora Lusitânica, Azorica et Madeirensis*, cujo projecto foi apresentado ao I. N. I. C. (Instituto Nacional de Investigação Científica), que o acolheu de maneira muito favorável. Infelizmente, apesar de reconhecermos a necessidade premente da realização de tal obra, vimo-nos compelido, por motivos diversos, a desistir do Projecto, do qual pouco ficou realizado.

Entretanto, ia caminhando em bom ritmo a *Flora Europaea*, da qual apareceu o 1.º vol. em 1964, o 2.º em 1968, o 3.º em 1972, o 4.º em 1976 e o 5.º em 1980. A publicação desta *Flora*, modelo de clareza, concisão, ordem, análise rigorosa de todos os problemas taxonómicos incluindo os nomenclaturais, e que teve o mérito de fazer desaparecer como entidades sem valor muitos nomes que as Floras dos diversos países pensosamente transportavam como um peso morto, deve ser condignamente assinalada na história da Botânica, porquanto ela representa, na nossa opinião, o início de uma nova era de progresso que se iria manifestar em todos os países da Europa, quer mediante adaptações, quer pela elaboração de novas Floras

nela inspiradas. Todos conhecem a organização da *Flora Europaea* e os seus métodos de trabalho, não sendo, pois, necessário recordá-los aqui.

A unificação política da Espanha não foi problema simples. Cremos que a unificação dos botânicos espanhóis na *Flora Iberica* que é objecto desta análise não deve ter sido igualmente fácil. Acreditamos, porém, que ela se conseguiu graças à energia e ao prestígio científico dos botânicos da nova geração que integram o seu corpo editorial — S. CASTROVIEJO, Director do Real Jardín Botánico de Madrid, M. LAÍNZ, G. LÓPEZ GONZÁLEZ, P. MONTSERRAT, F. MUÑOZ GARMENDIA, J. PAIVA & L. VILLAR —, bem como à confiança que a competência dos bem escolhidos membros da Comissão Bibliográfica — H. M. BURDET (Genebra), F. MUÑOZ GARMENDIA (Madrid) e P. PERRET (Genebra) — e dos da Comissão de Assessores — O. DE BOLÒS (Barcelona), B. CASASECA (Salamanca), A. CHARPIN (Genebra), J. DUVIGNEAUD (Marchienne-au-Pont), R. B. FERNANDES (Coimbra), J. DO AMARAL FRANCO (Lisboa), A. HANSEN (Copenhague), PH. KÜPFER (Neuchâtel), M. LADERO (Salamanca), J. MALATO BELIZ (Elvas), H. MERXMÜLLER (Munich), J. MOLERO (Barcelona), J. L. PÉREZ CHISCANO (Villanueva de la Serena), A. R. PINTO DA SILVA (Oeiras), A. SEGURA (Soria), S. TALAVERA (Sevilha), B. VALDÉS (Sevilha), E. VALDÉS-BERMEJO (Villagarcía de Arosa) e J. VIGO (Barcelona) — inspirava. Por outro lado, o artista E. SIERRA RÁFOLS (Barcelona) e o assessor filológico, J. M. LIAÑO (Madrid), assegurariam também uma colaboração eficiente.

A *Flora Iberica* foi muito bem delineada, tendo a sua concepção sido em grande parte influenciada pela *Flora Europaea*, que sugeriu muitos dos métodos de trabalho e da orientação seguidos.

Noutros tempos, enquanto se degladiavam os defensores das classificações designadas por artificiais e naturais, um dos pontos que merecia logo os reparos de qualquer crítico era o da classificação adoptada. Agora, todos os botânicos estão de acordo em que é necessário que se elabore um sistema que traduza, o mais fielmente possível, as relações entre os taxa. Todos reconhecem, porém, que as dificuldades de elaboração de um tal sistema são tão grandes que esse projecto ainda se encontra no domínio do sonho no que se refere a muitos grupos, embora devamos reconhecer que grandes progressos se têm realizado, graças principalmente ao estudo dos grãos de pólen das plantas actuais e das fósseis e às inferências que podem ser feitas mediante o conhecimento dos processos evolutivos, obtido principalmente pelos estudos cariológicos e genéticos. Seguindo FICHI SERMOLLI (1977) quanto às *Pteridophyta*, MELCHIOR & WERDERMANN (1954) no que respeita às *Gymnospermae* e STEBBINS (1974) — com modificações — relativamente às *Angiospermae*, os editores da *Flora Iberica* deram provas de bom senso na ordenação das famílias (devemos, no entanto, assinalar que concordamos com STEBBINS em considerar as *Fumariaceae* como família independente das *Papaveraceae*), porquanto as classificações seguidas são modernas e encontram-se, em muitos pontos, de acordo com os conhecimentos actuais.

A obra pretende ser uma *Flora* diagnóstica, que sirva simultaneamente as necessidades não só dos estudantes espanhóis e portugueses das Faculdades de Ciências, Farmácia e Técnicas (Institutos Agronómicos e Silvícolas), mas também dos botânicos amadores, dos horticultores e dos investigadores

nos domínios da taxonomia, ecologia e fitogeografia. A análise das matérias contidas no vol. I mostra que este objectivo foi plenamente atingido, pois que, tanto nas chaves das famílias como nas dos géneros, espécies e taxa infraspecíficos, as oposições são muito bem estabelecidas e baseadas em caracteres de fácil apreciação. Em todos os casos em que isso é possível, as descrições obedecem ao mesmo princípio de serem diagnósticas. No entanto, como os próprios Editores apontam, em grupos mais complexos, como por exemplo nas *Ranunculaceae*, as descrições são mais amplas, afastando-se, porém, o mínimo possível do tipo diagnóstico. Deste modo, as identificações efectuam-se com facilidade e segurança mediante as chaves e as descrições. Mas, se isso ainda não fosse o suficiente, a *Flora* é profusamente ilustrada, apresentando a iconografia completa de uma a várias espécies do mesmo género. Além disso, as chaves das espécies, nos géneros mais difíceis, são acompanhadas de figuras originais ou extraídas das melhores obras europeias, representando os caracteres diferenciais mais importantes, o que permite uma separação mais segura.

Analisando a obra na especialidade, verifica-se que as descrições dos taxa são geralmente bem elaboradas, sucintas e claras e acompanhadas de dados muito úteis. Assim, às descrições das famílias segue-se a indicação do número de géneros e de espécies que as constituem, bem como o da distribuição geográfica geral; os nomes dos géneros são geralmente seguidos da explicação da sua origem e da etimologia, vindo depois as respectivas descrições, seguidas em regra por observações referentes à aplicação dos produtos fornecidos, assim como à bibliografia mais relevante; o nome das espécies é, como habitualmente, seguido pelo nome do autor e respectivas referências bibliográficas, encontrando-se na mesma linha o epíteto específico com um acento na sílaba tónica, a fim de os estudantes aprenderem a pronunciar-lo correctamente (na Península foi PEREIRA COUTINHO que, a instâncias de FALHINHA, resolveu acentuar essas palavras na 2.<sup>a</sup> edição da sua *Flora de Portugal*, tendo nós verificado que essa indicação era muito útil não só para os estudantes, mas até mesmo para alguns botânicos com poucos conhecimentos de latim). A história nomenclatural dos taxa é cuidadosamente e muito criteriosamente estabelecida, seguindo-se aos nomes específicos, subespecíficos e varietais, o respectivo basiónimo, a sinonímia mais relevante, a indicação locotípica e a referência à iconografia, a qual é na maior parte original.

As descrições terminam com a indicação dos números dos cromossomas, quando conhecidos. Se as contagens foram feitas sobre material peninsular, esses números não levam qualquer sinal, enquanto que, se foram obtidos a partir de materiais de outras proveniências, são assinalados com asterisco.

Vêm a seguir os dados ecológicos, fenológicos e corológicos (distribuição geográfica geral e distribuição pormenorizada em Andorra, Espanha e Portugal<sup>1</sup>) e os nomes vernáculos em português e espanhol (por vezes também em euskera e catalão). As espécies endémicas na Península são assinaladas. Eventualmente, existem ainda observações que podem interessar aos botânicos não taxonomistas, aos etnobotânicos e aos farmacêuticos.

<sup>1</sup> Para pormenores, ver Introducción, pag. XVII.

Os híbridos cuja existência na Península se encontra devidamente comprovada são referidos no fim do tratamento das espécies de cada um dos géneros.

A *Flora Europaea* não considera taxa com categoria inferior ao de subespécie. Se este critério teve vantagens, não podemos deixar de dizer que não tenha tido inconvenientes, porquanto alguns dos colaboradores, esquecendo possivelmente que a noção de subespécie está relacionada em geral com a existência de uma área geográfica definida dentro da da espécie, atribuíram a categoria de subespécie a entidades que possivelmente a não merecem e que deverão antes ser consideradas variedades. Registámos, pois, com prazer, que a *Flora Iberica*, além de considerar as subespécies, distingue também variedades, como acontece em *Asplenium adiantum-nigrum* L., *Dryopteris affinis* (Lowe) Fraser-Jenkins, *Blechnum spicant* (L.) Roth, *Ranunculus hololeucus* Lloyd, *R. peltatus* Schrank, *R. penicillatus* (Dumort.) Bab., *R. angustifolius* DC., *R. bulbosus* L., *Ceratocephala falcata* (L.) Pers., etc.

Digna igualmente de menção especial é a iconografia que em boa hora foi confiada ao notável artista E. SIERRA RÀFOLS, de Barcelona. Efectivamente, as estampas, que muito valorizam a *Flora* e a tornam extremamente atraente, representam, com muito realismo e fidelidade, não só o aspecto geral das plantas, mas também os pormenores necessários à identificação das espécies. Percorrendo o livro não podemos deixar de admirar as estampas das *Pteridophyta*, que são de execução particularmente difícil, mas a nossa admiração mantém-se no decurso de toda a obra, ao avaliar as das *Gymnospermae*, *Nymphaeaceae*, *Ranunculaceae* e *Papaveraceae*. Deste modo, não me é possível salientar aqui qualquer das estampas, pois que as considero todas dignas de elogio por um ou outro motivo.

Ao frontispício segue uma página em que se mencionam os patrocinadores da obra, as Comissões editorial, bibliográfica e de assessores, o nome do artista encarregado das ilustrações e o do assessor filológico. Aparecem depois (pág. 7) os nomes dos autores que colaboraram na preparação das sínteses genéricas do volume, o índice geral, o preâmbulo e a introdução, devendo estas duas últimas partes ser percorridas com atenção pelos leitores, em face das numerosas indicações úteis que contêm. Após a lista das Floras básicas, na qual é de notar a falta da obra de GONÇALO SAMPAIO, que, no nosso parecer, deveria também figurar, surgem as abreviaturas, siglas e sinais usados no texto que o leitor deve consultar sempre que se lhe torne necessário. Vem depois a chave geral das famílias, à qual segue a parte especial em que são tratadas as plantas espontâneas e as naturalizadas na Península. Termina o volume com 6 apêndices — lista dos nomes dos autores referidos no texto e abreviaturas quando estas são usadas; lista das abreviaturas das publicações periódicas mencionadas no texto; lista das obras autónomas; vocabulário dos nomes específicos e infraspecificos considerados correctos; lista de alguns termos botânicos que necessitam explicação; relação dos géneros e outras entidades taxonómicas que foram citados nas *Notulae taxinomicae, chorologicae, nomenclaturales, bibliographicae*... publicadas nos *Anales del Jardín Botánico de Madrid* — e 3 índices: das estampas, dos nomes vernáculos e dos nomes científicos.

Deste modo, a *Flora* é, como tivemos ocasião de referir, bem adequada ao objectivo que os editores tinham em vista, isto é, produzir uma *Flora* moderna, nomenclaturalmente correcta e actualizada, que pudesse ser utilizada:

1) pelos estudantes espanhóis e portugueses das Faculdades de Ciências, de Farmácia e Universidades técnicas; 2) pelos horticultores e botânicos amadores; 3) pelos investigadores não taxonomistas para identificarem com precisão os seus materiais de trabalho; e 4) pelos taxonomistas que pretendem contribuir para o progresso dos estudos taxonómicos quer em Portugal quer em Espanha.

Os investigadores e estudantes portugueses dispõem, como a obra de florística mais recente, de dois volumes da *Nova Flora de Portugal*, adaptação para Portugal da *Flora Europaea* efectuada por J. AMARAL FRANCO, a qual estará concluída dentro de pouco tempo com a saída do 3.º volume, correspondente às *Monocotyledones*. Apesar disso, os portugueses necessitarão consultar a *Flora Iberica*, não só como complemento da obra de AMARAL FRANCO, mas também graças às numerosas ilustrações que contém, as quais lhes podem dar uma noção mais exacta de muitos taxa. Conhecendo este facto e sabendo, como se diz na Introdução, da existência de certos termos botânicos castelhanos que seriam incómodos para os utentes portugueses, pensamos que os Colegas espanhóis e o português que integram a Comissão editorial deveriam ter-se esforçado mais na resolução deste problema. Na Introdução diz-se que houve empenho especial em evitar esses termos, ainda que isso nem sempre tenha sido possível conseguir-se. Sendo assim, os utentes portugueses terão de se conformar. Dada, porém, a sua aptidão em compreender algumas línguas estrangeiras, entre as quais o castelhano, esperamos que o problema seja por eles facilmente ultrapassado.

Duas palavras apenas para nos referirmos à excelência da execução gráfica, mediante o emprego de um óptimo papel, tipos agradáveis e muito criteriosamente escolhidos para permitirem uma fácil leitura, e a escolha de um formato que torna os volumes facilmente manejáveis. As minhas felicitações vão, pois, também para os técnicos do Servicio de Publicaciones del C. S. I. C. que executaram a obra.

A brilhante história da florística da Península exigia que a *Flora Iberica* fosse digna dela. O que nos foi dado apreciar no vol. I agora publicado é que realmente ela atingiu essa dignidade. Como o nível científico e técnico do vol. I se manterá nos volumes subsequentes ou mesmo, estamos certos, se elevará, acolhemos a *Flora Iberica* com o maior entusiasmo, felicitando os seus promotores, patrocinadores e colaboradores pelo êxito que antevemos para a obra e fazendo votos para que o seu caminho seja percorrido sem obstáculos até atingir o seu termo.